



Dialética do Acomodatismo Brasileiro

Marcelo Jose Moreira¹. (PQ). marcelo.moreira@ueg.br

¹Professor na UEG/ICSA/UnUCSEH-Prof. Nelson de Abreu Júnior; Pesquisador Colaborador no CEsA/ISEG-ULisboa.

Resumo: A economia-mundo capitalista está imersa em uma inércia generalizada. Um movimento de lenta acumulação, baixo investimento, limitadas taxas de crescimento, que se dá por uma intensa pressão sobre os níveis das desigualdades, historicamente, existentes. O Brasil não está alheio aos tensionamentos desse movimento. Este artigo apresenta os elementos que caracterizam o que denominamos estrutura da acomodação brasileira. A pesquisa mostrou que a recente acomodação da economia brasileira se expressou na perda relativa de sua capacidade produtiva, no desempenho do volume das importações e na deterioração de seu mercado de trabalho.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Economia Brasileira. Acomodação.

Introdução

A dinâmica econômica brasileira de desenvolvimento concentrador de renda e de riqueza se viu revestida: 1. por uma trajetória de atividades industriais, sem se configurar um processo de industrialização propriamente dito; 2. por um avanço contínuo das atividades agroeconômicas em um processo de primarização da pauta exportadora que se expande e se afirma como uma espécie de modo perpétuo; e, 3. por um mercado de trabalho estruturado à precarização das condições e relações de trabalho e à reprodução de desigualdades.

Esse revestimento estrutural expressa a imersão da economia brasileira em um tipo de mecanismo-resposta interno que delinea uma trajetória de avanços (ou recuos) político-institucionais, como que em um movimento pendular, não alterando de forma significativa o processo de reprodução material concentrador e gerador de desigualdades sociais. Denominei este mecanismo-resposta de acomodatismo (MOREIRA, 2018), em observação às obras de Aristóteles¹ e Feyerabend (2011),

Ora, como nos seria possível examinar algo que estamos utilizando o tempo todo? Como poderemos analisar, para revelar seus pressupostos, os termos em que habitualmente expressamos nossas observações mais simples e di-

¹ “Diz-se que uma coisa é ‘imóvel’ (*akíneton*), a) quando é inteiramente impossível de ser movido (como o som, que é invisível); b) quando é movido com dificuldade depois de um longo tempo ou seu movimento começa devagar, caso em que dizemos que é difícil mover-se; c) quando para a natureza é feita para ser movida e pode ser, mas não está em movimento quando, onde e como deveria ser naturalmente; apenas este último tipo de imobilidade eu chamo de ‘estar em repouso’ (*êremeîn*), uma vez que o ‘Repouso’ (*êremía*) é o oposto de movimento e, portanto, a privação de movimento naquilo que pode receber movimento.” (ARISTÓTELES, s/d, p. 178-179). A aproximação com o que chamo de acomodatismo (ou a dialética da primazia pela acomodação da economia brasileira) é o que está exposto na letra “c”.



retas? (...) Necessitamos de um padrão externo de crítica, necessitamos de um conjunto de pressupostos alternativos (...) Temos de inventar um novo sistema conceitual que suspenda os resultados de observação mais cuidadosamente estabelecidos ou entre em conflito com eles, conteste os princípios teóricos mais plausíveis e introduza percepções que não possam fazer parte do mundo perceptual existente. (FEYERABEND, 2011, p. 46)

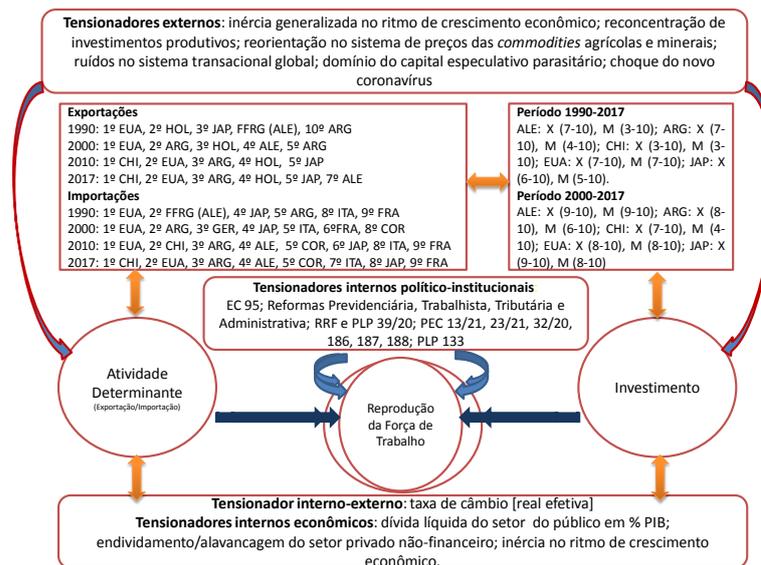
O que se segue é um esboço de esforço metodológico para uma análise em perspectiva acomodacionista (MOREIRA, 2018).

Resultados e Discussão

I. Análise da Acomodação da Economia Brasileira²

O revestimento mencionado acima cria uma estrutura de acomodação que atinge, principalmente, as condições de reprodução material de sua população. Estrutura (Figura 1) que traduz uma primazia pela acomodação por parte de correlações de forças políticas e econômicas internas, em um processo contraditório de contrarresposta e de adaptação que enseja o acirramento das (e a criação de) limitações estruturais aos movimentos do ciclo econômico interno, tensionando e recrudescendo a própria reprodução da força de trabalho.

Figura 1 – A Estrutura da Acomodação Brasileira



Observação 1: As informações sobre Exportações e Importações são do sistema *Comtrade-UN/Top-10 exports and imports of goods*: <https://comtrade.un.org/>. As siglas referem-se: USA – United States of America, NET – Netherlands, FFRG – Frn. Federation Republic of Germany, GER – Germany, ARG – Argentina, CHI – China, ITA – Italy, FRA – France, KOR - Republic of Korea. Ainda, X – Exportações, M – Importações. **Observação 2:** Os números entre parênteses significam a quantidade de mercadorias que permanece na pauta em relação às 10 mercadorias mais transacionadas no período citado. Assim, o caso da China significa que, enquanto no perí-

² Esta seção apresenta os resultados da primeira etapa do projeto de pesquisa: “Dialética do acomodatismo brasileiro: estudo do aprofundamento da subordinação e seus efeitos sobre o emprego da força de trabalho nas últimas três décadas”, inserido no Macroprojeto “Estruturas de Acomodação em Perspectiva Comparada: um estudo sobre as interações-adaptativas de países em tempos de reestruturação econômica sistêmica” realizado na Universidade Estadual de Goiás.





odo 1990-2017, 3 das 10 mercadorias importadas permaneceram na pauta de Importações (M); no período 2010-2017, 8 em 10 permaneceram. O mesmo ocorreu com a pauta de exportações. Isso indica que, nos últimos 7 anos, a chegada impetuosa da China ao grupo dos principais parceiros de transações externas de bens, se reflete no aumento do grau de dependência recíproca entre os dois países. *Observação 3:* Em 2017, a pauta de importações dos USA difere em apenas um item em relação à de 1990.

Elaboração própria.

Tal estrutura necessita, a todo tempo, de mecanismos institucionais que submetam sua força de trabalho às situações de pressão e de perdas de condições materiais e intelectuais de realização de sua capacidade produtiva (os tensionadores internos político-institucionais mencionados na Figura 1). Daí a compressão da esfera “Reprodução da Força de Trabalho”, tornando-a mais estreita (conforme ilustrado na Figura 1). Quanto mais tensionadas as esferas “Atividade Determinante (Exportações e Importações)” e “Investimento”, pelos tensionadores externos, mais se intensificam os tensionadores internos.

I.1. O Índice de Acomodação da Economia Brasileira: procedimentos e resultados

Trata-se de um indicador³ que visa sintetizar a capacidade de acomodação da economia brasileira aos estímulos/impactos de choques externos (e internos, como os tensionadores da Figura 1), a partir de determinadas dimensões, que expressam as Condições de Acomodação. São elas: 1. A dinâmica da atividade determinante (Dimensão Atividade Determinante – Exportações e Importações); 2. A capacidade de investimento e sua relação com a atividade determinante (Dimensão Investimento); 3. A estrutura de reprodução da força de trabalho (Dimensão Trabalho). Essas dimensões compõem a Estrutura da Acomodação do país, conforme exposto na Figura 1, e estão expressas no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Composição Geral do IA-Br

Dimensões	Indicadores	Índice da Dimensão	Pesos	
Atividade Determinante ¹	Volume de exportação (X). impacto positivo	IA-AD $0.30*X + 0.20*M + 0.25*X_{man} + 0.125*X_{sm} + 0.125*X_b$	0.33	IA-Br
	Volume de importação (M) impacto negativo			
	Participação de produtos manufaturados (X _{man}). Impacto positivo			
	Participação de produtos semimanufaturados (X _{sm}). Impacto negativo.			

³ O índice varia entre 0 e 1: quanto mais próximo de 0, pior sua capacidade de acomodação; quanto mais próximo de 1, melhor é sua capacidade de acomodação.



	Participação de produtos básicos na pauta de exportação (Xb). Impacto negativo.		
Investimento ²	Utilização da Capacidade Instalada (UCI). Impacto positivo	IA-I $0.50*ILÍQ + 0.33*UCI + 0.17*FAT$	0.33
	Faturamento real (FAT). Impacto positivo		
	Investimento Líquido (ILÍQ). Impacto positivo		
Trabalho ³	Admissões (ADM). Impacto positivo	IA-T $0.33*ADM + 0.33*DESL + 0.33*REND$	0.33
	Desligamentos (DESL). Impacto negativo		
	Rendimento real efetivo (REND). Impacto positivo		

Observações: ¹Os volumes de X e M, medidos em FOB US\$ milhões; As participações de produtos em Xman, Xsm e Xb, medidos em quantum; ²UCI e FAT, indicadores deflacionados e dessazonalizados base fixa; ILÍQ, em R\$ milhões; ³ADM e DESL, em quantidades de trabalhadores, REND, da população ocupada, em R\$.
Elaboração própria.

Para o cálculo do IA-Br fez-se uso das fórmulas abaixo:

a. Para as estatísticas cuja variação causa impacto positivo (melhora) (ex.: participação de produtos industriais na pauta de exportações) o índice é calculado

$$\text{por: } IA_{Br} = \frac{VE - V_{min}}{V_{max} - V_{min}}$$

b. Para as estatísticas cuja variação causa impacto negativo (piora) (ex.: desligamentos) o índice é calculado por: $IA_{Br} = \frac{VE - V_{max}}{V_{min} - V_{max}}$

Onde: VE = valor da estatística escolhida; Vmax = valor máximo; Vmin = valor mínimo.

Para estimar o IA-Br, definiu-se:

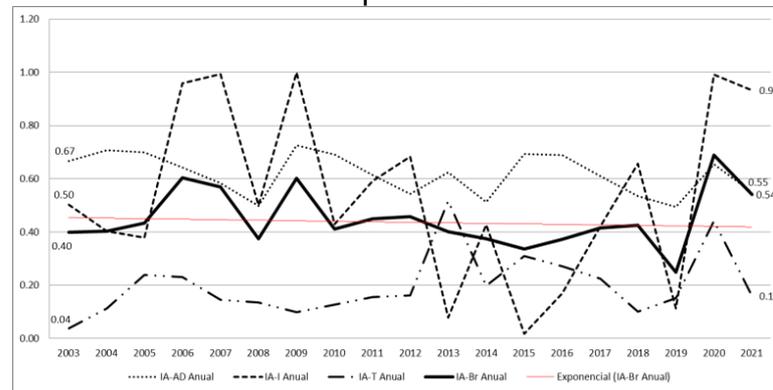
- Que o período de análise para o exercício da construção do IA-Br fosse janeiro de 2003 a março de 2021, para padronização em função da disponibilidade dos dados das variáveis;
- Que para efeito deste cálculo inicial, as séries foram divididas em dois períodos: o primeiro, de 2003 a 2010, referindo-se a três momentos: o do Efeito-China/EC (2003 a 2007), o do Centro da Crise financeira internacional/CR (2008 e 2009) e o do Efeito-Crise/EF (2010). O segundo período, refere-se a dois momentos: o Pós-Crise/PC (2011 a 2019), e seus interregnos internos (antes e pós a depressão interna), e o da COVID-19/COV (2019 a 2021). Ainda que essa seja a divisão que marcará a análise completa do exercício proposto, ela só será evidenciada, de fato,



na Análise dos Componentes Principais/ACP.

Feito isso, obtém-se o IA-Br:

Gráfico 1 – Evolução do Índice de Acomodação da Economia Brasileira Anual e seus componentes



Elaboração própria.

A evolução do IA-Br mostra que a acomodação se dá de maneira relativamente estável e sua trajetória tende a ser forjada a partir das trajetórias das Dimensões Atividade Determinante (IA-AD) e Investimento (IA-I) – mostrando-se mais sensível às variações desta, mas mantendo-se ao nível daquela. Tal relativa estabilidade alcança o valor de 0.69 em 2020, mas evoluiu abaixo dos 0.50 durante significativo percurso do período. Aponta, o IA-Br, certa incapacidade dinâmica de a economia brasileira acomodar as tensões em situações mais favoráveis para o conjunto das variáveis, em especial na Dimensão Trabalho.

O IA-AD apresentou o único movimento de queda quando comparado aos demais índices apresentados relativos aos anos de fim e início da série. As Exportações (X) contribuíram com uma acomodação para baixo menos impactante para o conjunto dos indicadores dessa dimensão.

O IA-I apresentou movimentos erráticos de acomodação, com maior tensão para uma acomodação desfavorável a partir de 2007 e seguindo até o ano de 2019. A variável ILÍQ aponta ter maior sensibilidade às tensões ocorridas nos períodos analisados, apresentando os movimentos mais erráticos de acomodação. Os movimentos menos alternados de UCI e FAT são os que centralizam a dinâmica dessa dimensão.

O IA-T apresentou acomodação mais favorável quando comparado ao início





da série. A variável DESL apresentou capacidade de acomodação melhor do que ADM. Assim, a tímida melhora do IA-T tende a representar uma acomodação pela intensificação da precarização do trabalho, pois que o impacto de DESL é negativo.

O IA-Br mostra que a capacidade de a economia brasileira acomodar os impactos das tensões externas/internas foi pior na segunda década dos anos de 2000, conforme a trajetória da curva apresentada no Gráfico 1. A melhora do índice, especificamente, no ano de 2020 se deu em função de: a. no IA-D: aumento no indicador X, Xman e Xb (corroborando a participação significativa da exportação de *commodities*), e queda em Xsm e M (levando-se em conta o impacto negativo desse indicador, sua queda colabora para uma acomodação mais favorável, naquele ano); b. no IA-I: aumento em todos os seus indicadores, o que possibilitou uma acomodação próxima às ocorridas em 2007 e 2009 (períodos de pré e da crise financeira internacional). Ou seja, o setor produtivo industrial tende a apresentar capacidade acomodativa peculiar e sistemática em períodos de fortes tensões, apresentando certo grau de liberdade para conter o impacto em momentos de crises; e, c. no IA-T: aumentos nos índices dos indicadores ADM e DESL e queda no REND (o indicador DESL possui impacto negativo, logo, seu aumento mostra uma deterioração na Dimensão Trabalho, ou melhor, no mercado de trabalho).

Levando-se em conta os resultados apresentados, cabe verificar se tais variáveis são realmente explicativas para as suposições até aqui expostas. Daí se fazer valer da Análise dos Componentes Principais/ACP.

I.2. A Análise dos Componentes Principais: procedimentos e resultados

Para o encaminhamento da ACP do IA-Br, definiu-se, para além dos dois itens mencionados para estimá-lo, os subperíodos como grupos na ACP e definidos em cores (conforme apresentadas na Figura 3): EC (vermelho), CR (rosa), EF (lilás), PC (salmão) e COV (verde).

A planilha original com os dados (que apresentam métricas diferentes) foi padronizada a partir da fórmula: $VP = \frac{VO - Me}{DP}$

Onde: VP = valor padronizado; VO = valor original; Me = média; DP = desvio padrão.





A partir disso, tem-se:

Summary

PC	Eigenvalue	% variance
1	5.69	51.72
2	2.74	24.89
3	1.39	12.64
4	0.29	2.67
5	0.27	2.50
6	0.24	2.15
7	0.12	1.09
8	0.10	0.86
9	0.08	0.76
10	0.06	0.53
11	0.02	0.18

Loadings

	PC 1	PC 2	PC 3	PC 4	PC 5	PC 6	PC 7	PC 8	PC 9	PC 10	PC 11
UCI	0.01	0.56	0.22	-0.04	0.29	0.16	0.21	0.00	0.39	0.56	0.14
FAT	0.32	0.36	0.01	0.13	0.19	0.06	0.57	0.20	-0.13	-0.56	-0.14
ILÍQ	0.37	0.10	-0.22	0.09	-0.04	-0.70	-0.21	0.28	0.41	-0.04	0.14
ADM	0.35	0.25	-0.04	-0.30	0.23	0.32	-0.62	0.31	-0.25	-0.03	-0.11
DESL	0.39	0.13	-0.09	0.25	-0.35	-0.14	0.15	-0.03	-0.58	0.51	-0.05
REND	0.31	-0.29	-0.22	0.41	-0.24	0.57	0.02	0.22	0.41	0.07	0.00
X	0.38	-0.10	0.27	-0.26	-0.12	-0.06	0.01	-0.39	0.28	0.03	-0.68
Xman	-0.06	0.09	0.80	0.19	-0.41	-0.02	-0.16	0.30	0.00	-0.14	0.10
Xsm	0.19	-0.41	0.33	0.43	0.67	-0.12	-0.07	-0.03	-0.12	0.12	0.00
Xb	0.24	-0.43	0.15	-0.60	0.01	-0.01	0.37	0.36	-0.03	0.15	0.29
M	0.40	0.06	0.09	-0.05	-0.07	0.12	-0.10	-0.60	0.01	-0.23	0.61

Figura 2 – Scree Plot

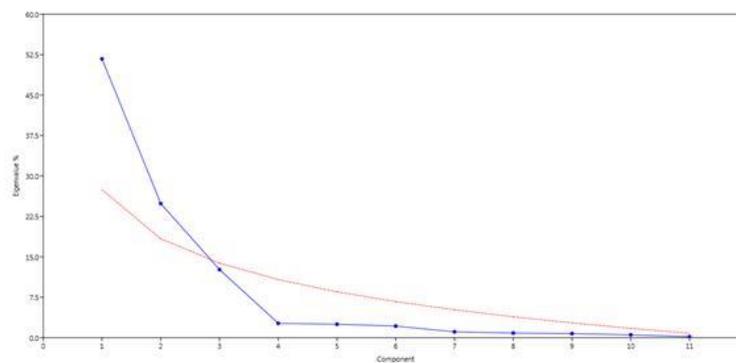
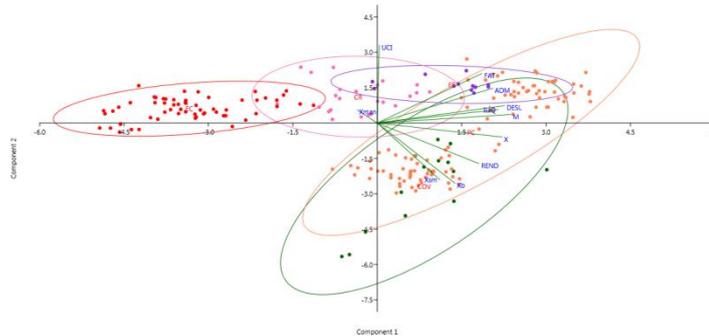




Figura 3 – Scatter Plot (95% ellipses)



Os dois primeiros componentes principais respondem por 76.61% da variação total. A primeira componente (PC1) explica 51.72% da variabilidade dos dados, enquanto a segunda (PC2) explica 24.89%.

A PC1 expressa as concentrações de 9 das 11 variáveis. Logo, quanto maior o valor dessa componente, maiores as tensões sobre as nove variáveis em relação às demais e vice-versa. Nesse sentido, as variáveis FAT (que também responde em PC2) e ILÍQ (da Dimensão Investimento); ADM, DESL e REND (da Dimensão Trabalho) e; X, Xb, Xsm (os dois últimos, com menor grau de concentração) e M (da Dimensão Atividade Determinante) explicam a performance da acomodação da economia brasileira nos períodos EF (2010), PC (2011 a 2019) e COV (2020 e 2021).

A PC2 expressa a concentração de 4 variáveis: UCI e FAT (da Dimensão Investimento) e ADM e DESL (da Dimensão Trabalho). Logo, quanto menor o valor dessa componente, maiores as tensões sobre as 4 variáveis em relação às demais e vice-versa, de forma que essas variáveis explicam a performance da acomodação da economia brasileira nos períodos CR, EF (ou seja, nos anos de 2008 - principalmente, o seu segundo semestre -, 2009 e 2010) e PC (este, no período anterior à recessão interna: 2011 a 2014).

Observa-se que, DESL e M explicam melhor o processo de acomodação da economia brasileira, sob a ótica da PC1. Sem embargo, essas duas variáveis refletiram melhor os seus índices, quando comparadas às demais variáveis correspondentes em suas respectivas dimensões para a construção do IA-T e do IA-AD, respectivamente, e posterior composição do IA-Br.





O índice calculado para a variável DESL, para o período 2003-2010, é próximo de zero; enquanto que, para o período 2011-2021, é 0.40. As demais variáveis da Dimensão Trabalho tiveram seus índices aumentados em 0.21 (de 0.52 para 0.73).

O índice calculado para M, referente ao período 2003-2010, é de 0.15. Para o período 2011-2021 é da ordem de 0.41. Em que pese esse índice ser menor, do que o calculado para a variável X (0.87; 2011-2021), esta apresentou índice de 1.0 no período 2003-2010. Ou seja, enquanto X apresenta uma queda de 0.13, no período 2011-2021, M cresce em 0.26. Para o cálculo do IA-AD e posterior composição do IA-Br, M possui efeito negativo para a análise da acomodação da economia brasileira.

Soma-se a isso o fato de que a variável ILÍQ teve o índice calculado para 2003-2010 em 1,00 e, para o período 2011-2021 em 0.18. Desdobra-se que o “desempenho” da variável M não se refletiu em melhoria das condições de investimento para o setor produtivo brasileiro.

Sob a ótica da PC2, observa-se que UCI explica melhor o processo de acomodação da economia brasileira. De fato, essa variável foi a que menos sentiu os impactos das tensões ocorridas na transição entre as décadas analisadas para a construção do IA-Br, quando verificados os índices das demais variáveis que compõem o IA-I. Ou seja, apesar de apresentar o menor índice da Dimensão Investimento (0.84), no período 2003-2010, apresentou um índice superior às demais variáveis de sua Dimensão (0.79), no período 2011-2021. Deve-se levar em consideração que para o cálculo do IA-I, e posterior composição do IA-Br, UCI possui impacto positivo para a análise da acomodação da economia brasileira.

O IA-Br mostrou que a acomodação da economia brasileira, como um movimento-resposta às crises (cíclica e sistêmica, recentes), se verificou nas variáveis: Utilização da Capacidade Instalada, Desligamentos e Volume de Importações, de forma que tais variáveis explicam melhor o acomodatismo da estrutura brasileira recente.

Considerações Finais

Neste artigo aponte, brevemente, os elementos que caracterizam o que





considero como o processo dialético de acomodação da economia brasileira. A esse processo, firmado em uma primazia pela acomodação doméstica, denominei acomodatismo, numa aproximação ao que Aristóteles nos indica “estar em repouso”: uma economia que se desenvolve no tempo-essência de seu subdesenvolvimento-dependente, expressamente subordinado e, portanto, intencionalmente levado a uma espécie de imobilidade, pois que não se move como poderia se mover, e se firma no mecanismo-resposta aos/às estímulos/tensões externas.

Tal movimento histórico de imobilidade intencional reflete o processo de interdependência sistêmica e expressa, como confirmação histórica, que,

na verdade, só podemos entender o que está ocorrendo nos países subdesenvolvidos quando percebemos que se desenvolvem dentro do esquema de um processo de produção e reprodução dependente (...) Ao reproduzir esse sistema produtivo e essas relações internacionais, o desenvolvimento do capitalismo dependente reproduz os fatores que o impedem de alcançar uma situação vantajosa nacional e internacionalmente, e, assim, reproduz o atraso, a miséria e a marginalização social em seu território. (SANTOS, 2011, p. 16)

Sob a perspectiva acomodacionista, aqui exposta, o IA-Br mostrou que a recente acomodação da economia brasileira se deu por um desempenho significativo do setor externo, pela perda relativa, não significativa, de sua capacidade produtiva e pelo recrudescimento de seu mercado de trabalho, que somados às alterações recentes, de ordem político-institucionais, caracterizam a Estrutura da Acomodação Brasileira.

Referências

ARISTÓTELES. *Física*. Libro V, Las tres clases de movimiento. El reposo, s/d.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MOREIRA, Marcelo Jose. The Brazilian economy in an accommodative perspective: an essay on the deepening of dependency. Instituto Superior de Economia e Gestão – CEsA/CSG Working Papers nº 170, 2018, <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/16300>.

SANTOS, Theotônio dos. A estrutura da dependência. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. 40 anos da teoria da dependência. São Paulo, n. 30, 5-18, 2011.

